



Biograph



“EU, MULHER DA VIDA”: UMA ANÁLISE DA NARRATIVA FEMININA DE GABRIELA DA SILVA LEITE

Fernanda Gabriela Soares dos Santos

E.E.E.M. Manoel Ribas

fernanda.santos@fisma.com.br

APRESENTAÇÃO

“Longe o profeta do terror/
Que a Laranja Mecânica anuncia
Amar e mudar as coisas
Me interessam mais.”

Belchior

Conheci Gabriela Leite no programa da Marília Gabriela e, só para ser mais redundante meu nome é Fernanda Gabriela. Era o auge do livro da Bruna Surfistinha e ela estava em todos os programas e em toda a mídia. Fiquei acordada até tarde curiosa para ouvir a história da Surfistinha. Estávamos todos, classe média, curiosos com a história daquela menina bonita que, por escolha própria, havia ingressado no mundo da prostituição.

Ironia ou não, a apresentadora convidou Gabriela Leite para dividir o programa, foi a primeira vez que a vi e posso falar de paixão a primeira vista. Primeiro fiquei emocionada de saber que ela era cunhada de Ana Cristina César, embora ache que talvez nem tenham se conhecido. Fiquei encantada por ela.

VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica
UFMT – Cuiabá – 17 a 20/07/2016
Anais VII CIPA – ISSN 2178-0676

Levei ainda algum tempo para conseguir adquirir o livro, mas a semente foi lançada. Eu nunca a esqueci. Ironia ou não, Gabriela citou Gabriel García Márquez, uma de minhas preciosidades. Nascemos no mesmo dia. E, assim que minha situação profissional e financeira mudou, adquiri o livro. Acredito que o primeiro livro de Gabriela: *Eu, mulher da vida*.

Quando terminei de ler, fiquei um tempo reclusa, tive dois filhos com pouca diferença de tempo e fiquei com eles para crescerem. Ao contrário de Gabriela, desde o meu primeiro filho, fiz questão de permanecer o maior tempo possível com ele. Quando retornei ao mundo acadêmico já Gabriela lançava seu segundo livro.

Desde então, a admiração aumentou, temos uma história parecida no sentido de sempre ser militantes. Militei como estudante, como professora, porém talvez esteja mais próxima aos intelectuais dos quais Gabriela cita: embora sempre tenha evidenciado em meu trabalho as prostitutas, nunca fui uma delas. Sempre lutei pelos direitos das mulheres, porém de um lugar privilegiado: alguém que pôde estudar e só precisou trabalhar após a faculdade.

Reconheço que participamos de mundos diferentes e embora eu sempre tenha tido, assim como Gabriela uma paixão intensa pela noite e pela boemia, nunca quis nela trabalhar. Sempre me bastou ser frequentadora.

Meus filhos me fizeram deixar de lado essa vida intensa e ficar em casa, algo que nunca doe porque pra mim a maternidade foi a melhor parte de ser mulher. Para Gabriela não. Segundo uma das entrevistas, esse foi um dos seus grandes arrependimentos: reconhece que não deveria ter sido mãe.

Delegou a sua mãe os cuidados com sua primeira filha. Ao contrário de Gabriela, passei a aceitar melhor minha mãe quando meus filhos nasceram, já não rebato ou cobro algumas questões, imagino que ela já deva se culpar o suficiente.

Também não vivi em casa uma boa relação de casamento de meus pais, mas nem por isso endeusei meu pai. Depois de muita terapia, passei a acreditar que as pessoas fazem o que podem, algumas menos que outras. E a vida segue seu curso. E mais uma vez agradeço neste escrito à Gabriela pela leitura que ela nos proporciona

em seus livros, esteja onde estiver, sou sua fã e te homenageio com este texto, que é todo teu, minha querida.

1. “Confesso que vivi”¹

*“Muitos anos depois, diante do pelotão de fuzilamento,
o Coronel Aurélio Buendía havia de recordar
aquela tarde remota em que o pai o levou para conhecer o gelo”.*

Gabriel Garcia Márquez

Como uma mulher narra a si própria no início da abertura política do país? Como uma mulher extrapola os papéis que lhe cabem e abandona a família e a faculdade para se tornar prostituta? A história que aqui contarei é pouco comum e por poucos conhecida. O texto que abre a apresentação de autoria de Garcia Marquéz era uma paixão da autora a qual escreverei.

Como muitas prostitutas, como a própria “Bruna Surfistinha”, ou a personagem da literatura “Hilda Furacão”, Gabriela era seu nome de Guerra, o nome que criou para seus clientes, na verdade se chamava “Otília”. No princípio da narrativa, Gabriela relata o estranhamento inicial de ser chamada pelo nome que escolheu para ser seu nome na ficção. Mais tarde, aconteceu o inverso: passou a achar engraçado quando as pessoas a chamavam de Otília.

Assim Gabriela se apresentava para seus clientes e esse era o seu nome de guerra, da ex-estudante de Sociologia da USP que se tornou prostituta, como ela mesmo gostava de salientar, por sua própria vontade, assim como a personagem da literatura “Hilda Furacão”.

Ao contrário de muitas mulheres e outras minorias, no discurso de Gabriela não há espaço para lamentações ou vitimização, Gabriela dizia que se prostituir, naquele momento foi uma opção, era filha da classe média, segundo ela, classe essa para onde mais tarde retornou, mas não estava vivendo um período de profunda miséria a ponto de se prostituir.

¹ Título da Biografia de Pablo Neruda

Não foi sua única alternativa, e sua história não é narrada do ponto de vista de uma mulher oprimida, silenciada, maltratada e vitimada.

A obra em questão: *Eu, mulher da vida* foi por Gabriela publicada em 1992 e se divide em trinta e quatro capítulos. Neles, a autora discorre, através de sua história de vida escrita, como se tornou prostituta primeiramente na Boca do Lixo, em São Paulo-SP, conhecida região marginal e, mais tarde em Belo Horizonte - MG e depois no Rio de Janeiro-RJ.

O texto é um marco na história da literatura brasileira, por se tratar de uma mulher que narra a si mesmo, a partir do ponto-de-vista da prostituição. Importante frisar que este momento de publicação do livro é o auge das discussões sobre Aids no Brasil, sobretudo a preocupação que os profissionais do sexo, que ainda não eram assim chamados se contaminassem. Um momento de profundas discussões, pois a Aids acabou, de alguma forma, amendrontando a sexualidade pós-revolução sexual. Todos tinham medo de se contaminar e, a partir do momento que se descobre que não só grupos de risco são frágeis, o medo apavora a todos.

Qualquer um poderia se contaminar e os heterossexuais também estavam se contaminando. A Aids já não era uma doença exclusiva dos homossexuais, dos profissionais do sexo e dos usuários de drogas injetáveis. Passa a pairar um medo generalizado e as políticas públicas passam a se intensificar. Neste momento o incentivo ao uso de preservativos e seringas individuais é disseminado a todos.

1. Gabriela, a “ovelha negra”

“Levava uma vida sossegada/

Gostava de sombra e água fresca/

Meu Deus quanto tempo eu passei sem saber/

Foi quando meu pai me disse:

VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica

UFMT – Cuiabá – 17 a 20/07/2016

Anais VII CIPA – ISSN 2178-0676

- Filha, você é a ovelha negra da família/

Agora é hora de você assumir...”

Ovelha negra - Rita Lee

Gabriela narra a si. Estudava Sociologia na USP e frequentava os círculos intelectuais. Sentou, segundo ela, para beber com grandes intelectuais e artistas brasileiros que foram seus contemporâneos de USP. Desde sempre foi adepta a boemia e fantasiava a vida de prostituta. Quando sentava em bares para beber com colegas e amigos da USP, imaginava um colorido para a vida de prostituta, de uma mulher que vive intensamente a noite. Segundo a autora (1992, p.6): “A prostituição é o sonho mais real que já vivi.”

Até de fato submergir nessa vida, Gabriela não sabia o que viria, mas achava que seria divertido viver na noite, nos sambas que frequentava e se sustentar fazendo sexo com seus clientes.

Ao longo da narrativa, a autora revela o mundo não tão colorido e mágico que encontrou: a relação por vezes conflituosa com o cafetão, a dificuldade para não se envolver com drogas, o preconceito da sociedade. Para ela, o principal motivo que realmente a fez adotar a profissão foi o fato de necessitar, desde sempre, de liberdade. Reconhecia na profissão uma espécie de liberdade dentro dos papéis que as mulheres podem desempenhar.

Pra Schimidt (2009, p. 10): “a possibilidade de liberdade leva a pensar não só na resistência a ordem estabelecida, mas também na participação de diversos personagens.”

Para Gabriela, trabalhar na noite era algo emancipador. Demorou para se dar conta dos riscos de saúde que a profissão escolhida oferecia, do quanto a escolha a deixaria à margem de tantas possibilidades de vida. Aos poucos, a autora vai contando como se tornou Gabriela. Para Leite (1992, p.9) “Conheci Gabriela numa manhã escura e chuvosa em São Paulo”. Dessa forma triste a autora nos apresenta a sua personagem biográfica. Já podemos desenhar na imaginação que esse início na garoa paulistana oferecerá um caminho complexo. Não coloriu o passado, como é traço

comum da memória seletiva (BOSI, 2004), apenas transcorreu sobre sua entrada na então Boca do Lixo, zona do meretrício de São Paulo.

A ideia de se narrar, de contar a si própria faz por vezes lacunas no texto, com quebras de narrativa. Tais quebras são próprias da falta da linearidade de quem narra a si. Da mesma forma que não lembramos os eventos de nossa vida, necessariamente, em ordem cronológica e, que de certa forma, uma lembrança remete a outra, e assim por diante. Gabriela por hora se narra em primeira pessoa, e, por outras, em terceira pessoa. O primeiro capítulo conta como foi seu “encontro” com Gabriela.

A partir de então, a narrativa de Gabriela se centra nos interstícios da profissão e na força de explicar o “dia-a-dia das meretrizes”², no esforço de mostrá-las tão humanas como qualquer outra mulher. Discorre sobre o ciúmes sentido por elas. Dessa forma, Gabriela inicia o capítulo em que, ao narrar-se ciumenta, imagina impossível uma prostituta beijar a boca de seu cliente. Para ela, amor é amor, cliente é cliente. São barreiras intransponíveis. Fazer sexo com cliente não significa amá-lo, são instâncias distintas.

Nos primeiros capítulos, transcorre sobre como funciona a relação entre os clientes, a ética estabelecida, o que pode e o que é proibido na travessia entre prostituta e cliente. Não há certo e errado e também apresenta a figura do cafetão. Não há espaço para lamentações e desmistifica a entrada na prostituição como sua única opção.

Conforme Perrot (1997, p.7): “No espaço público, aquele da Cidade, homens e mulheres situam-se nas duas extremidades da escala de valores. Opõem-se como o dia e a noite.”

Possivelmente era nesse paradoxo que Gabriela se encontrava: ocupando um espaço que não era para mulheres comuns. Sobreviver a partir do ato sexual com outrem, em qualquer tempo e sociedade foi sempre um tema tabu. Não vivemos em uma sociedade que acolha com suas políticas e campanhas as profissionais do sexo, salvo quando elas trazem doenças aos nossos maridos que também podem nos contagiar

² Dia-a-dia das meretrizes, expressão de Chico Buarque na música: **O que será, que será?**

2. “Tudo faz parte da vida”

“No presente a mente, o corpo é diferente

Pássaro preto me responde:

O passado nunca mais.” Belchior

É com esse título que Gabriela inicia o terceiro capítulo, escrevendo sobre a sua difícil relação com a sua mãe. Gabriela reconhece sua mãe como alguém que batalhou de todas as formas por ela e sus irmãs, dada a incapacidade de seu pai fazê-lo. Como seu pai nasceu em uma família abastada, nunca se preocupou em trabalhar.

Segundo Canton (2009, p.12): “A arte ensina justamente a desaprender os princípios das obviedades que são atribuídas aos objetos, às coisas.” E de arte o pai de Gabriela entendia, já que passava a vida na jogatina. Não cabia, assim como a filha, em seu papel de pai e marido, visto que não foi um pai nos moldes de outros homens de sua geração. Não cuidou financeiramente de sua família e não transmitiu bons exemplos.

Na figura do pai, Gabriela reconhece alguém que fragilizou sua relação com a sua mãe, pois sua mãe batalhava para colocar comida à mesa, o que atorrava preocupada e, por vezes, cruel. O pai viajava a todos os lugares onde houvesse um cassino clandestino. Isso talvez tenha sido um dos motivos de uma aura estranha na família. Os pais dormiam, em algumas épocas, em quartos separados, até Gabriela fazer quinze anos, quando finalmente se separaram.

O casamento de seus pais foi um casamento arranjado, a família da mãe a obrigou a casar com o filho rico de outra família. Seu pai, pela origem aristocrática, nunca conseguiu ser um trabalhador de nenhum lugar, sempre fez dinheiro em cassinos e deles trouxe jóias, relógios, e dinheiro para sustentar a casa por alguns períodos. Certamente, após algum tempo, esse dinheiro terminava. Nessa aura cresceu Gabriela.

Apesar da ausência do pai, a escrita de Gabriela transparece mais rancor com a mãe, ainda que a mãe seja reconhecida como a pessoa que as cuidou de fato e que mais tarde criou sua filha.

3. Gabriela e seus amores

“De tudo que é nego torto

Do mangue e do cais do porto

Ela já foi namorada.

O seu corpo é dos errantes, dos cegos, dos retirantes

É de quem não tem mais nada.”

Chico Buarque

Gabriela também tenta, de alguma forma, humanizar e feminilizar a prostituta, na medida em que se preocupa em salientar que a prostituta também tem um amor. Sofre por esse amor e não raro tem ciúmes dele, a ponto de fazer escândalos homéricos.

Leite afirma (1992, p. 14): “Prostituta é muito ciumenta. Amor é amor.” Dessa forma, Gabriela discorre sobre seus amores, o amor da adolescência, com quem não fez sexo na época, mas muitos anos mais tarde o reencontrou e fizeram, como também o outro amor com quem teve uma filha. Gabriela, ao longo do texto, vai desmistificando o papel da prostituta: também elas possuem seus amores, seus homens preferidos e escolhem alguém a quem amar.

Por muitas vezes, essa relação pode ser difícil, como as demais relações também podem ser. O fato de Gabriela ser prostituta não é determinante do tipo de relacionamento que ela vai ter.

Perrot, ao situar o lugar da mulher desde o Código napoleônico, alerta-nos: (2007, p.112): “Membro subordinado da família, ela não pode alcançar nem a

individualidade nem a cidadania. A família é gerida e representada pelo pai, pilar da cidade.”

A mulher, por conta de carregar em si alguns preconceitos sociais, coloca-se de forma subordinada na relação, independente do lugar que ela ocupe. Uma mulher ciumenta será ciumenta em qualquer tipo de profissão e não só na prostituição, da mesma forma, o seu companheiro caso seja ciumento. Essas questões não estão apenas restritas a profissão que as pessoas possuem.

Mais tarde, em uma entrevista Gabriela se coloca como muito mais feliz que muitas mulheres de classe média que conhece, uma vez que não precisa saber o valor que seu amor possui na conta bancária. Exemplifica com um relacionamento longo que possui e diz não ter noção de quanto seu companheiro possui na conta bancária.

Conforme Brancher (2007, p.122): “História de vida é isso: uma teia de relações, um mosaico de construções, um vitral ou uma colcha que lenta e prazerosamente vai se construindo.” As relações, para o autor citado, dentro de nossas histórias, vão sendo construídas e reconstituídas a partir das nossas próprias histórias. Boas ou más, simples ou intensas, elas nos pertencem. E nós a elas.

Para ela, com sua forma por vezes cruel de olhar a classe média, que segundo ela própria mais tarde também fez parte, as mulheres se interessam pelos homens na medida em que se interessam pelos seus bolsos. As relações entre homens e mulheres funcionam de forma bastante capitalista, exceto, para ela, a relação vivenciada por ela.

4. Sem perder a ternura

A Igreja diz: o corpo é uma culpa.

A Ciência diz: o corpo é uma máquina.

A publicidade diz: o corpo é um negócio.

E o corpo diz: eu sou uma festa.

Eduardo Galeano

Em determinado momento de sua história, talvez pelo próprio envolvimento com seus estudos em Sociologia de sua vida anterior à prostituição, Gabriela se envolve na militância. Preocupa-se com os direitos das prostitutas.

Seu envolvimento com a militância foi como um amor passageiro, envolveu-se com muito entusiasmo e, na mesma medida, decepcionou-se. Não gostou do discurso de alguns intelectuais e da diletância que possuíam com quem batalhava a vida o dia inteiro, como ela.

Segundo a autora (1992, p.93): “A prostituta arrependida parecia uma monja, presa à Teologia da Libertação.” Até certo momento, a autora conta adorar conviver com os intelectuais, frequentar bares com eles, propor ações. Depois viu que passou a ocupar um entre-lugar. Já não era prostituta naquele período, mas era intelectual? Narra sentir falta do mangue, do samba, dos namorados e amigos. Achou muito complicado ficar batendo “Papo-cabeça” com intelectual que desconhece a vida na rua de fato.

Em determinado momento, sentiu-se usada pelos intelectuais, foi convidada para um grande Congresso de prostitutas em outro estado e, ao contrário do intelectual que a convidou e viajou de avião, Gabriela foi de ônibus. Em suas palavras, pela primeira e última vez.

Essa foi a marca que a militância política deixou em Gabriela, alia a militância a intelectuais distantes que não conhecem o chão de zona. Discursam sobre e se

valem, mas não sabem de fato ultrapassar essa barreira. Mais tarde Gabriela retorna ao mundo da política, já o país vivendo outro contexto político totalmente diferente.

Para Josso (2002), existe uma dificuldade em elaborar as histórias de vida, dada complexidade que esse dado emaranha. É possível, portanto, que Gabriela tenha confundido a militância com uma espécie de salvação encontrada. A necessidade de elaboração de políticas, não pode partir só através da militância, outras esferas também precisam estar envolvidas. No caso especificamente de questões em nosso país envolvendo prostituição, há muito preconceito subjacente e, mesmo pessoas que apoiam a causa podem se sentir incomodadas em se expor.

Também Brancher (2007) afirma que trabalhar com histórias de vida é desenvolver um processo que possui em si um significado importante. A nós, estudiosos do assunto, não cabe a procura de linearidades, coerências ou julgamentos morais. O mais importante é dar centralidade a história que a pessoa se dispõe a nos contar, a escuta é imprescindível.

Julgamentos, nesse sentido, podem ser sinônimos de um trabalho pobre. O importante é que se não temos afinidade ideológica com o sujeito biografado, possivelmente ele não deva fazer parte de nossas pesquisas.

Também a esse respeito, Nóvoa (1999, p.16) constata: “A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos.”

E identidade, aquilo que nos singulariza, é algo muito peculiar. Poderíamos citar pessoas de mesmos nomes, ou até irmãos com construções muito diferentes. Em determinado momento do livro, a própria Gabriela cita a irmã, da qual a narradora não suportava, pois namorava no sofá de casa. Para a autora, essa cena era o fim. Com o passar dos anos, passa a admirar, a conviver com a irmã e seu marido e reconhecer o bom lugar que passaram a ocupar. Relata que, com o passar dos anos, passou a considerar a irmã uma pessoa muito interessante. Cada qual com seus aspectos identitários.

5. Para sempre Gabriela

*“É tão estranho
Os bons morrem jovens.
Assim parece ser
Quando me lembro de você
e de tanta gente
Que se foi /Cedo demais.”
Legião Urbana*

Em outubro de 2013, Gabriela despede-se da vida. Morre de câncer de pulmão após três anos de uma longa luta. Era uma fumante que diz jamais ter se arrependido de fumar. Para ela se não tivesse fumado jamais teria conhecido o gosto bom que o cigarro tem. Sua marca maior foi ter dado voz e vez às prostitutas. Não fosse Gabriela a cultura do mangue talvez ainda não teria sido ouvida, ela nos deixou o alerta.

Já bastante debilitada com a doença, seguiu dando entrevistas e militando pela causa, não se intimidou com tudo o que a doença trouxe consigo. Relata, em uma das entrevistas, uma reaproximação com a mãe.

Disse que até o fim faria o que sempre fez: lutar. Assim essa incrível mulher se despediu desse mundo, concorreu às eleições em 2010 e no mesmo ano descobriu a gravidade de sua doença. Possivelmente seu corpo estava lhe fornecendo sinais que não foram escutados com a correria da campanha, que segundo ela, estava ocupando todos os espaços da vida. Possivelmente não teria feito muita diferença, pois seu câncer já estava bastante alastrado. Não foi motivo para se dobrar à luta.

Outro fato importante é que a autora termina com o tabu de que a prostituição é a única saída para algumas mulheres, última alternativa. Não era a sua. Entrou para a prostituição por outros motivos.

Para mim, morreu o mito. A mulher que abriu mão de uma vida entre intelectuais de classe média, renunciou à maternidade e a viver uma vida dentro do esperado. Gabriela deixou as marcas de um trabalho eterno.

Gabriela vive em seus livros, na ONG, na luta e na dignidade de toda a prostituta que busca os seus direitos. Não terminou seus estudos. A autora discorre sobre as ausências, a do pai física, a da mãe afetiva. Reconhece a luta da sua mãe, nem por isso a absolve de não terem convivido um tempo. Tornaram-se distantes.

Em determinado momento convidou a mãe para morar com ela e recebeu uma negativa. A figura da mãe sempre aparece hostilizada em sua escrita, nunca a entendeu e jamais foi por ela compreendida.

Gabriela se reconhecia como uma pessoa difícil. Talvez essa distância fosse fruto da personalidade difícil de ambas. Mesmo depois muito doente ainda criticava sutilmente sua mãe, possivelmente nos últimos momentos que passaram juntas e com todas as questões que viveram.

No segundo livro autobiográfico, Gabriela narra a criação da ONG Daspu, em uma época que a famosa e luxuosa Grife Daspu sofria investigações, Gabriela ironiza o nome e cria essa grife diferenciada, da qual as modelos são prostitutas. Concomitantemente também cuidou de sua ONG Davida, junto ao companheiro de mais de 20 anos Flávio Lenz Cesar.

Estudar Gabriela pra mim foi um reencontro com meus estudos sobre mulheres e suas questões. Por vezes, faço alguns esforços para compreender a autora, em outras sinto-me em plena comunhão com situações vividas por ela, compactuando aquela máxima literária de que afinal de contas, apesar de particulares também nos universalizamos.

Através da investigação sobre o trabalho de Gabriela também me tornei fã do Flavio. Que homem é esse que carrega a marca de ser irmão da poetisa Ana Cristina César? Que homem é esse que é companheiro de uma ex-prostituta e nem esconde e nem se envergonha de ocupar esse papel? Também ele admiro muito. Oxalá um dia consiga agradecer pessoalmente ao Flavio, estou fazendo um esforço para isso.

A história de Gabriela é a história de todas as mulheres. Os papéis que nos couberam nunca foram simples e as que se omitiram por algum motivo de ocupar um deles sempre foram julgadas.

Também os filhos de Gabriela merecem o nosso respeito: nossa sociedade não está acostumada a acolher filhos de prostitutas, também o caminho deles não deve ter sido fácil de ser trilhado.

E, por último, e também por primeiro queria dedicar esse trabalho a mãe de Gabriela por ter criado a filha de Gabriela. Esse amor não tem preço e não cabe em explicações. Parabéns Dona Mathilde por esse grande amor. Esse gesto é para poucos e poucas.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org). **História e histórias de vida:** destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

_____; SOUZA, Elizeu Clemente de (orgs). **Tempos, narrativas e ficções:** a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

BOSI, E. **Memória e Sociedade:** lembranças de velhos. 12 e.d. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BRANCHER, V.R. **Formação, Saberes e Representações:** história de vida de Helena Ferrari. Santa Maria: Editora UFSM, 2007.

CANTON.K. **Tempo e Memória.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GADAMER, Hans Georg. **Verdade e método.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In NÓVOA, Antonio. **Vidas de professores.** Porto: Porto, 1995.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: Cortez, 2004.

LEITE, G.S. **Eu**: mulher da vida. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

MARQUEZ, G.G. Cem anos de solidão. Rio de Janeiro: Record, 2009.

MOROSINI, Marília Costa. **Enciclopédia de Pedagogia Universitária**. Glossário, Volume 2. Brasília: MEC/INEP, 2006.

NÓVOA, Antonio (org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto, 1995.

OLIVEIRA, Valeska Maria Fortes de. A formação de professores revisita os repertórios guardados na memória. In: OLIVEIRA, Valeska Maria Fortes de (org.). **Imagens de professor**: significações do trabalho docente. Ijuí: UNIJUÍ, 2000, p. 11-24

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

SCHIMIDT, B.B. **Em busca da terra da promessa**: a história de dois líderes socialistas. Porto Alegre: Nova Prova Gráfica e Editora, 2009.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Sites Consultados:

www.aids.gov.br/.../militante-respeitada-prostituta-gabriela-silva-leite-vem-lutando-pelos-direitos-da-categoria. Disponível em 4/11/2007. Acesso em 10/12/2010.

www1.folha.uol.com.br/.../1355621-gabriela-silva-leite-1951-2013---ex-prostituta-fundou-a-daspu.shtml. Disponível em 13/10/2013. Acesso em 16/04/2016.

www.revistatrip.uol.com.br/tpm/puta-de-respeito. Disponível em 12/04/2014. Acesso em 15/04/2016.

www.viomundo.com.br/.../gabriela-leite-nao-aceitaremos-mais-nenhum-centavo-do-ministerio-da-saude-enquanto-nos-vir-apenas-da-cintura. Disponível em 7/6/2013. Acesso em 16/04/2016.

ANEXOS

**VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica
UFMT – Cuiabá – 17 a 20/07/2016
Anais VII CIPA – ISSN 2178-0676**

Gabriela...



Gabriela

VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica
UFMT – Cuiabá – 17 a 20/07/2016
Anais VII CIPA – ISSN 2178-0676

Que não foi dócil

Não dobrou seu corpo

Não vendeu sua alma

Disse sim ao seu amor.

Obrigada por tudo (e ao Flávio também).

Fernanda Gabriela Soares dos Santos



Gabriela e Flavio



Possivelmente, uma das últimas fotos.

VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica
UFMT – Cuiabá – 17 a 20/07/2016
Anais VII CIPA – ISSN 2178-0676